

Como preparar um grande conflito

Marco André Balloussier

A Primeira Guerra Mundial terminou em 1918, deixando um trágico legado de cerca de 9 milhões de mortos. Este até então inédito grau de mortandade de um conflito bélico ajudou a criar a esperança de que aquela tinha sido “a guerra para acabar com todas as guerras”.

Algumas medidas foram tomadas para afastar a ameaça de uma nova conflagração. Em 1919, foi criada a Liga das Nações, também conhecida como Sociedade das Nações (SDN), com sede em Genebra (Suíça). Esta organização internacional, predecessora da atual Organização das Nações Unidas (ONU), tinha como objetivo principal manter a paz mundial.

Em 1928, era dado um outro grande, porém utópico, passo em direção à tão sonhada paz. Foi a assinatura do Pacto Briand-Kellog, que tem o nome do ministro francês dos Negócios Exteriores e do Secretário de Estado norte-americano. Todos os signatários deste pacto, cerca de 60 nações, comprometiam-se a renunciar à guerra como recurso para a resolução de crises internacionais.

Entretanto, o sonho de que o mundo estava livre da tragédia da guerra não passava de uma doce ilusão. A Liga das Nações logo se revelaria impotente para resolver as questões internacionais. E o Pacto Briand-Kellog, apesar de suas boas intenções, provou ser apenas idealista e ingênuo, pois não atentou para o pequeno detalhe de que as guerras não se acabam por decreto.

Algumas mentes mais aguçadas já previam o futuro sombrio que se avizinhava. Em 1925, diplomatas europeus reuniram-se na cidade de Locarno (Suíça), para ratificar as decisões do Tratado de Versalhes (1919), que pôs fim à Primeira Guerra Mundial. Stalin, nessa época iniciando sua escalada para se tornar o líder da União Soviética, comentou a respeito do encontro: “Pensar que a Alemanha irá tolerar este estado de coisas é confiar em milagres. Locarno que sanciona a perda pela Alemanha da Silésia, do corredor (polonês) e Dantzig partilhará do velho tratado franco-prussiano que privou a França da Alsácia e Lorena (...) Locarno está prenhe de uma nova guerra européia.”

O rigor de Versalhes alimentou o ódio dos derrotados

O Tratado de Versalhes havia sido especialmente impiedoso com a Alemanha. Ela foi obrigada a pagar bilhões de dólares em indenizações de guerra, perdeu 1/7 de seu território e todas as suas colônias, além de sofrer grandes limitações no campo militar (quantidade de soldados e armamentos). Com este tratado, a França procurava humilhar os alemães, e dar vazão a um sentimento revanquista que nutria desde 1870, quando fora fragorosamente derrotada na famosa Guerra Franco-Prussiana.

Também a Itália tinha motivos para estar descontente. Antes da Primeira Guerra Mundial ela formava, junto com a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, um pacto conhecido como Tríplice Aliança. Contudo, em 1915, a Itália traiu os seus aliados e entrou na guerra ao lado da Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia). Quando a guerra terminou, a Itália estava, portanto, do lado dos vencedores. Mas, a maior parte de suas reivindicações



ILUSTRAÇÕES: BELMONTE

O conflito desencadeado por Adolf Hitler, em 1939, retirou parte de suas motivações da paz mal construída após a Primeira Guerra, quando o cenário internacional foi modelado para proveito dos vencedores



— Se os checos não me entregarem estes territórios, se não permitirem o plebiscito nos outros, se não me entregarem intatas as fábricas, usinas, fortificações, viveres, etc... será a guerra! Mas o Sr. pode estar certo de que o meu maior desejo é a paz...

não foram atendidas pelo Congresso de Versalhes, onde a França e a Inglaterra imperavam como líderes absolutos. A região do Fiume, que os italianos ambicionavam, acabou sendo entregue à nascente Iugoslávia.

Benito Mussolini e Adolf Hitler tornaram-se líderes, respectivamente da Itália e da Alemanha, em parte porque souberam explorar a retórica de um nacionalismo ferido e humilhado pelas decisões do Tratado de Versalhes.

O Período do Entreguerras, como é conhecido o intervalo de 20 anos entre os dois conflitos mundiais, caracterizou-se pela chamada crise das democracias liberais, quando muitos países se encaminharam para regimes políticos de extrema-direita.

Por ter sido a Itália o primeiro país a seguir esta tendência (o Partido Fascista chegou ao poder em 1922), a denominação de fascismo acabou se estendendo, por analogia, às várias ditaduras surgidas na Europa e na América, e que tinham em comum o fato de serem antidemocráticas, antiliberais e, acima de tudo, anticomunistas.

Embora em sua origem o fascismo contivesse um certo sentimento anticapitalista, sobretudo contra o capital financeiro, na prática ele era estreitamente ligado ao grande capital, do qual tornou-se um instrumento contra o “perigo vermelho” que colocava a burguesia em pânico.

Na Alemanha, a crise econômica e social favorece Hitler

O Nazismo foi a versão alemã do fascismo. Em 1923, um ano depois de Mussolini tornar-se primeiro-ministro, marchando sobre Roma com os seus “camisas negras”, Hitler tenta dar um golpe de Estado na Alemanha. O golpe, que ficou conhecido como o “putsch da cervejaria”, fracassou e os principais líderes nazistas foram presos.

Na prisão de Landsberg, Hitler escreveu a obra *Mein Kampf* (*Minha luta*), considerada a *Bíblia* do nazismo, onde estão expressas as

idéias da superioridade da raça ariana, da necessidade da Alemanha conquistar o “Lebensraum” (o espaço vital) etc. Hitler saiu da cadeia convencido da necessidade de chegar ao poder pela via constitucional. Inicialmente, não obteve muito sucesso: em 1928, os nazistas conseguiram eleger apenas 12 deputados para o Parlamento.

A oportunidade do nazismo se fortaleceu em 1929, com o *crack* da Bolsa de Nova Iorque e a Grande Depressão. Os reflexos da crise atingiram violentamente a Alemanha, bastante prejudicada com a suspensão da ajuda norte-americana. O colapso da economia provocou um grande aumento do desemprego. O Partido Nazista viu aumentar sua base de apoio, pois suas teses sensibilizavam a pequena burguesia, pauperizada pela crise, e também parte do operariado, que confiava na promessa do fim do desemprego.

A crise econômica provocou uma radicalização do quadro político. O apoio da alta burguesia, preocupada com o crescimento eleitoral da esquerda, e as expressivas votações do Partido Nazista levaram Hitler a ser nomeado chanceler, em 1933. Com a morte do presidente Hindenburg, no ano seguinte, Hitler passou a acumular os dois cargos. Era o início da ditadura nazista.

Os governos radicais formam frente expansionista

Na década de 30, a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão, dominado por militares ultranacionalistas, formavam o grupo dos chamados “países insatisfeitos”. Estes três Estados foram bastante afetados pela onda de protecionismo econômico que se seguiu à crise de 1929, pelo fato de terem reduzidas possessões coloniais. O caso da Alemanha era mais grave, pois ela perdera todas as suas colônias com o Tratado de Versalhes.

De outro lado, havia os “países satisfeitos”, como Inglaterra e França, que mantinham seus impérios coloniais, e os EUA, que aumentavam cada vez mais sua área de influência. Alemanha, Itália e Japão vão pres-





— O Sr. falará com Daladier, a França nos entregará a Córsega, a Tunísia e Djibuti, a guerra será evitada e a Itália aumentará seu império!
 — E eu? Que é que vou ganhar?
 — O Sr. ganhará palmas quando voltar a Londres...

sionar por uma redivisão dos mercados mundiais, o que acabaria levando à eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939.

A iniciativa foi do Japão que, em 1931, invadiu a Manchúria. A Liga das Nações começa a mostrar sinais de fraqueza, pois seus protestos de nada valeram. O Japão retirou-se da Liga, em 1933, e continuou sua expansão imperialista pela China.

Em 1935 foi a vez da Itália, que invadiu a Etiópia, um dos únicos países independentes da África. Sanções econômicas são impostas à Itália, mas não são tomadas medidas efetivas que poderiam ter barrado a invasão, como o embargo de petróleo e o bloqueio do Canal de Suez. A impotência da Liga das Nações evidenciava a falência do princípio da segurança coletiva.

Ao mesmo tempo, a Alemanha, desrespeitando flagrantemente o Tratado de Versalhes, iniciava uma acelerada corrida armamentista e remilitarizava a Renânia, região fronteiriça com a França. O exército francês, na época superior ao alemão, nada fez diante de tão grave ameaça à segurança nacional. Em 1936, a aproximação entre a Alemanha e a Itália formaliza o Eixo Roma-Berlim. Estes dois países, mais o Japão, formam também o Pacto AntiKomintern, voltado contra o comunismo e a União Soviética.

O ano de 1936 é também o período em que se inicia a Guerra Civil Espanhola, considerada uma espécie de ensaio geral da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha e a Itália, que apoiaram os falangistas do general Francisco Franco, aproveitaram a oportunidade para testar suas novas armas. Aviões alemães realizaram bombardeios sobre cidades indefesas, como Guernica, imortalizada na célebre tela de Pablo Picasso. Contando apenas com um pequeno apoio da URSS e das Brigadas Internacionais, formadas por voluntários de diversos países, as forças republicanas são finalmente derrotadas em 1939.

A partir de 1938, as relações internacionais tornaram-se extremamente tensas. Depois de anexar a Áustria, processo conhecido como *Anschluss*, a Alemanha exigiu uma região da Tchecoslováquia, os Sudetos, habitada por povos de origem germânica. A guerra parecia prestes a estourar.

O problema foi resolvido na Conferência de Munique, na qual a Tchecoslováquia não foi convidada a participar. Inglaterra, França e Itália reconheceram o direito alemão sobre os Sudetos. A independência da Tchecoslováquia era sacrificada, para que o mundo pudesse viver mais um ano de paz. Posteriormente, a Alemanha ocuparia o país quase inteiro, sem que a Inglaterra e a França nada fizessem. Estas escandalosas concessões à Alemanha nazista, feitas na inútil esperança de se evitar uma nova guerra, ficaram conhecidas como “política de apaziguamento”, cujo maior expoente foi o primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain.

O Tratado de Versalhes era letra morta

A Conferência de Munique reforçou a suspeita, na União Soviética, de que as potências ocidentais “empurravam” a Alemanha em sua direção. Isto ajuda a explicar o famoso e polêmico Pacto de Não-Agressão Nazi-Soviético, assinado em agosto de 1939, e que deixou o mundo perplexo. O nazismo era notoriamente anticomunista, e Hitler já deixara claro, no *Mein Kampf*, que algumas ricas regiões da URSS faziam parte do ambicionado espaço vital.

No entanto, os dois países tinham seus motivos para assinar o pacto. A URSS ganhava um pouco mais de tempo para se preparar para uma guerra contra os nazistas, que considerava quase inevitável. Além disso, o pacto tinha cláusulas secretas que permitiam à URSS estender seus domínios pelos Países Bálticos (Letônia, Lituânia e Estônia) e parte da Polônia. Estes territórios eram vistos como uma barreira defensiva contra um futuro avanço nazista. Na verdade, todas estas supostas vantagens mostraram-se de pouca utilidade quando os alemães invadiram a URSS, pois eles rapidamente conseguiram chegar às portas de Moscou.

A Alemanha, por sua vez, se sentiu bastante beneficiada com o pacto, pois ficava livre do fantasma da guerra em duas frentes (Europa Oriental e Ocidental), que já a havia prejudicado na Primeira Guerra Mundial. Depois que a neutralidade soviética estava garantida, a Alemanha invadiu a Polônia no dia 1º de setembro de 1939. Desta vez, a França e a Inglaterra não hesitaram: rapidamente declararam guerra à Alemanha. Começava a Segunda Guerra Mundial.